

Uma fábula coletiva

Texto bilingue em Português e Tétum

O Sonho do Crocodilo



Escrita e ilustrada pelos alunos da Escola CAFE de Manatuto

Este livro é a resposta ao desafio que o Senhor Diretor Municipal da Educação do Distrito de Manatuto lançou quando, por ocasião das comemorações do dia 20 de maio, celebrando a Restauração da Independência de Timor-Leste, a nossa escola apresentou um desfile ao vivo recriando e dramatizando os acontecimentos marcantes e históricos que conduziram ao momento mais desejado e sonhado por todos: a Independência de Timor-Leste. Na altura, foi lançado um repto: «Professor, em 28 de novembro a história de Timor-Leste para trás até ao colonialismo, até às origens.»

Pois, hoje chega às vossas mãos e entra pelos vossos olhos a resposta ao desafio, em jeito de fábula: «O Sonho do Crocodilo.» «O Sonho do Crocodilo» é a conjugação de várias respostas a diferentes desafios, o maior dos quais foi construir uma fábula coletiva escrita pelos alunos da nossa escola em contexto de sala de aula.

Um processo criativo, interativo e de recriação de factos e acontecimentos sob forma de fábula. Bem ao jeito da imaginação das crianças!

O desafio foi aceite pelos professores e pelos alunos! A resposta está, agora, estampada na escrita e ilustração de «O Sonho do Crocodilo».

A nossa ideia foi partir do mito da criação da ilha de Timor e dar-lhe continuidade até aos dias de hoje, misturando realidade e ficção, recorrendo a figuras de animais do imaginário e do quotidiano.

Pois aqui fica a história embrulhada e recriada tendo como pano de fundo o desejo e sonho do crocodilo para aquele menino que trazia às costas, que seria a origem de um povo, e para a ilha em que se transformaria, onde viveria esse povo livre e independente.

A nossa história construiu-se como se concretizou o Sonho do Crocodilo. Como resultado da soma das vontades, pelo contributo de todos, sempre unidos pelo objetivo comum.

Foi assim que se fez a fábula e se editou este livro. Com dificuldades, com defeitos, com imprecisões, contando apenas com os recursos existentes mas sempre com a ideia comum: escrever o nosso livro «O Sonho do Crocodilo».

De igual modo, se passou com o povo timorense. Assim se construiu uma nação livre e independente, com imensas dificuldades, com defeitos, com imprecisões, com avanços e recuos, contando com a resistência e sacrifício de um povo, abandonado a si mesmo, mas sempre com um objetivo comum: a concretização do Sonho do Crocodilo.

Uma palavra de agradecimento a todos os alunos e professores que tornaram possível este «Sonho».

Uma palavra, ainda maior, a todos os que lutaram e deram a sua vida, o seu sangue, o seu sofrimento pela concretização do Sonho do Crocodilo: um Timor-Leste livre e independente.

Há uma mensagem de esperança e de responsabilidade espelhada no final desta fábula: O Sonho do Crocodilo acontece todos os dias em que o sol brilha, sempre em primeiro lugar, no lado Lorosae da Ilha. Cabe a todos e a cada um o esforço e empenho de todos os dias contribuir para a concretização do Sonho do Crocodilo...

Pois. E o crocodilo continua a sonhar...

Mário Meireles

A todos aqueles que contribuíram e contribuem
para que O Sonho do Crocodilo seja uma realidade,
em Timor-Leste...

Era uma vez um crocodilo que veio de muito longe e trazia nas suas costas um menino. O crocodilo, muito velho e cansado, ficou parado no mar, pois já não podia nadar mais. Sentia que estava a morrer. Do seu corpo, começava a surgir uma ilha com a sua forma. Antes de morrer, o crocodilo teve um sonho...

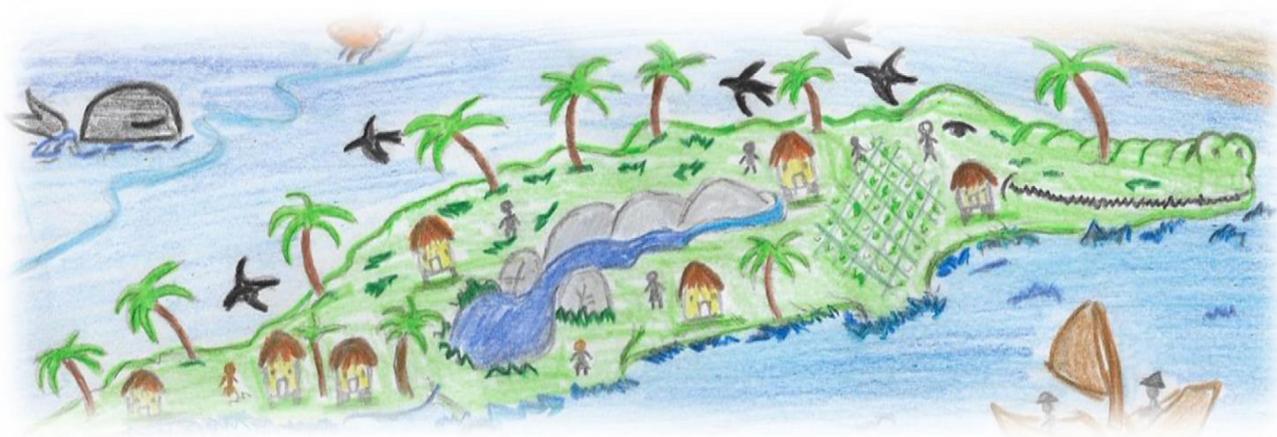
O crocodilo sonhava que o menino ia crescer e ficar um grande homem. Viveria feliz e em paz nas suas costas, nas suas montanhas e nas suas praias, com a sua família. Começavam a chegar outras famílias à Ilha a juntar-se à família do menino, já homem. A família ficaria grande e tornar-se-ia num grande povo, numa grande nação que habitaria e dominaria a Ilha Verde do Crocodilo.

Esse povo viveria muito feliz, seria livre e independente.

Todos os dias o sol nascia ali primeiro, iluminando o focinho do crocodilo que parecia muito, muito feliz com o seu sonho.

E o crocodilo sonhava...

Sonhava que...



Nas suas costas de crocodilo apareceram muitas montanhas com árvores e muitas flores.

Iha loron ida, lafaek ida mai husi dook, iha nia kotuk lori labarik mane ida. Lafaek ne'e katuas ona no kole loos, ho nune'e hapara nia viajen iha tasi, tanba labele nani tan. Nia sente atu mate. Iha nia isin komesa mosu illa tuir nia forma, molok atu mate, lafaek ne'e iha mehi ida...

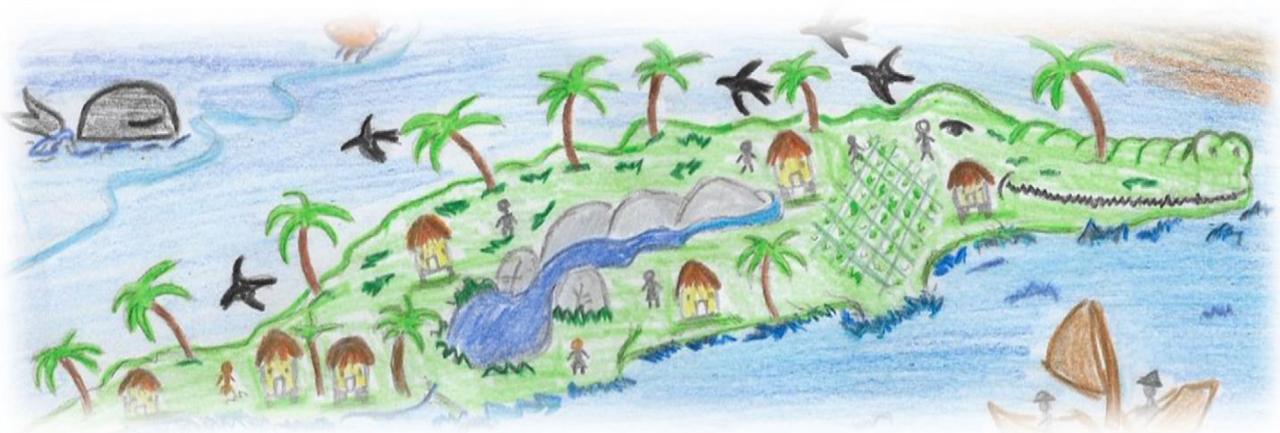
Lafaek ne'e mehi katak labarik mane ne'e sei moris no sai mane klosan. Moris iha haksolok no paz iha nia kotuk, iha foho no iha tasi, hamutuk ho nia familia. Familia ne'e sei sai boot no nakfilak aan ba povu ida no sei sai nasaun boot ida ne'ebé domina ho illa matak husi lafaek ne'e nian.

Povu ne'e moris kontente, sai livre no independente.

Loron-loron, Bainhira loro matan mosu haleno uluk lafaek nia inus ne'ebé parese haksolok tebes hanesan ho nia mehi.

No lafaek ne'e mehi...

Mehi katak, iha nia kotuk mosu foho, ai-hun no ai-funan ne'ebé barak tebes.



Como não tinham casas, abrigavam-se nas cavernas das escamas do crocodilo. Depois, em casas feitas com ervas que apanhavam à mão. Cedo percebiam que não podiam viver sempre assim. Então, começaram a construir as suas casas com palmeiras.



As árvores
eram muito variadas.

Havia bananeiras, mangueiras, coqueiros, limoeiros. E árvores de sândalo que davam madeira muito boa e bem cheirosa para fazer perfumes! Precisavam de comer e as frutas das árvores já não chegavam. Por isso, faziam hortas muito ricas em milho, *kankun*, cenouras, mandioca. E comiam batata doce, sapos, gafanhotos, cogumelos e farinha que moíam com pedras. Como havia muita água das ribeiras, cultivavam arroz. Das flores, faziam-se tintas para fazer os Tais muito coloridos que eram feitos nos teares de madeira.

Da madeira das árvores faziam-se, também, os beiros. No mar que banhava esta ilha havia grande quantidade de peixes: sardinhas, tubarões, tartarugas, raias, mantas e outros.

Quando o sol nascia, eram os homens que iam procurar comida. Pescavam usando os beiros, que faziam das árvores.

Tanba povu sira la iha uma, sira hamahan aan iha lafaek kulit nia okos. Hafoin sira halo uma husi du'ut ne'ebé sira foti ho liman, sira sente katak sira labele moris nafatin hanesan ne'e, sira komesa halo uma ho tali metan. Iha illa lafaek ne'e moris ai-hun barak no mesak oi-oin de'it. Iha hudi, has, nuu no derok. No ai-kameli ne'ebé mak fó ai ne'ebé di'ak no fó morin, atu halo mina morin! Sira presija hahán, no ai-fuan husi ai-hun sira ne'e maibé la to'o.



Tanba
ne'e, sira halo to'os
ne'ebé nakonu ho batar, kankun,
senoura, ai-farina. Iha tempu ne'ebá mós povu sira han fehluk
ropa, manduku, gafañotu, kogumelu no fariña ne'ebé de'ut ho fatuk. Tanba
sira hetan bee barak husi mota, sira komesa kuda hare.

Sira uja ai-funan been sai tinta ho kór oi-oin, ba tais, tais sira ne'e soru uja
mákina ne'ebé halo husi ai. No ai sira ne'e sira halo mós bero.

Husi tasi ne'ebé hadulas illa ne'e, moris mós animál ne'ebé barak tebes:
ikan sardina, tubaraun, lenuk, no seluk tan.

Bainhira lora matan mosu, povu sira sai ba buka hahán. Kail ho bero,
ne'ebé halo husi ai.

Os beiros eram usados para pescar, mas também para passear e fazer jogos. Nos casamentos, os noivos iam à festa nos seus beiros enfeitados com flores e bandeiras coloridas como o arco-íris. Também faziam corridas com os beiros. Iam em *procissão* uns atrás dos outros, andando ao som do *babadok*. Quando a batida aumentava, os beiros começavam a corrida. As mulheres (*feto sira*) cantavam cada vez mais rápido para os *mane sira* (homens) remarem mais depressa. No fim da corrida, saltavam todos para dentro de água e nadavam até à margem para pegar a bandeira vermelha com um triângulo amarelo, preto e branco.



Caçavam com os cães e setas feitas de bambu para matar os lacos, os veados, os pássaros e os javalis. Os meninos iam à lenha e ajudavam as mães a cuidar das hortas. As mulheres cozinhavam, tratavam das casas, das hortas e dos filhos. Criavam e cuidavam também dos animais que havia: cães, galos, *cavalos*, veados, porcos e *cabritos*. Costumavam matar e comer estes animais quando tinham cerimónias: casamentos, funerais e inaugurações de *Uma Lulik*.

Bero sira ne'e la'ós uja de'it ba kail, maibé uja mós ba pasiar no halo jogu. Iha kazamentu, noivu sira ba festa ho sira nia bero, hafutar ho ai-funan no bandeira ho kór hanesan arku-íris.

La'ó hanesan "prosisaun", la'ó akompañia ho babadok nia lian. Bainhira babadok lian aumenta bero sira komesa halai. Feto sira kanta dalaruma lalais liu atu mane sira halai maka'as no nani to'ó iha tasi ninin hodi kaer bandeira kór mean no triángulu kór kinur, metan no mutin.



Kasa asu ho rama ne'ebé halo husi au, kasa mós laku, rusa, manu no fahi fuik. Labarik sira ba foti ai-maran no ajuda sira nia inan halo to'os.



Feto sira te'in, haree uma, to'os no labarik sira. Hakiak no haree animál sira hanesan: asu, manu, kuda, rusa, fahi no bibi. Sira baibain oho no han animál sira ne'e bainhira iha serimónia ruma hanesan: kazamentu, hako mate no inagurasaun uma lulik.



A *Uma Lulik* era a casa sagrada, construída em madeira. Estas *Uma Lulik* eram construídas para guardar os avós que morriam e os instrumentos tradicionais que lhes pertenciam. Era onde se faziam as cerimónias para homenagear os espíritos dos antepassados. Quando precisavam de proteção, de chuva,

de saúde, de mais alimentos, o *Avô* chamava os espíritos dos avós. Nessas cerimónias, vestiam-se de *Tais*, usavam colares feitos de conchas e corais, usavam o *kaibau* e o *belak*. Festejavam com música tocada com *babadok*.

O povo tinha várias aldeias que viviam longe umas das outras e que não se encontravam porque cada uma vivia no seu sítio. O chefe de cada um desses grupos era o *Liurai*. Era a pessoa mais importante da aldeia e olhava pelo povo. Quando alguém precisava de alguma coisa era o *Liurai* que ajudava. Ele mandava construir as casas. Tinha o poder de fazer cumprir os usos e costumes do povo.

Até havia uma aldeia em que o chefe *Liurai* era uma mulher: *Amélia*. Tinha sido escolhida pelos seus habitantes porque era muito forte. Tão forte que já tinha ganho lutas contra vacas e búfalos. Na montanha da aldeia havia uma nascente e construíram uma canalização em bambu para levar a água até à aldeia. Quem inventou este sistema foi a Chefe *Liurai* *Amélia*.

Uma lulik ne'e mak uma sagrada, ne'ebé halo husi ai. Halo hodi rai memória bei ala sira ne'ebé mate ona no sasán tradisionál sira ne'ebé mak iha. Iha ne'ebá, povu sira bai-bain halo serimónia hodi hanoin hikas fali ispíritu husi bei ala sira nian. Bainhira sira presija matak malirin, udan, isin di'ak no hahán, avó sira bolu ispíritu husi bei ala sira. Iha serimónia ne'e, sira hatais tais, tau kola, uja kaibauk no belak. Bidu ho múzika ne'ebé toka ho babadok.

Povu sira mai husi knua oi-oin ne'ebé mak dook malu no sira la hasoru malu tanba sira ida-idak hela iha sira nia knua. Xefe husi knua sira ne'e mak Liurai. Liurai mak ema ne'ebé importante iha knua sira no tau matan ba povu sira. Bainhira povu sira presija buat ruma, liurai sira sempre ajuda. Liurai manda povu sira halo uma no iha podér atu kumpri tradisaun no kostume povu sira nian.

Iha knua ida feto ida mak ukun, feto ne'e naran Amélia.

Liurai feto ne'e hetan votu barak husi nia ema sira

tanba iha tempu ne'ebá

Liurai Amélia mak sai

hanesan ema ida ne'e

bé mak forsa tebe-tebes,

nia forsa tanba nia luta

hasoru karau timór no

karau vaka no nia mak

sai vensedór. Iha knua

ne'ebá, moris bee matan ida

iha foho, povu iha knua ne'ebá

uza au hodi dada bee ne'e ba sira nia hela fatin, ideia ne'e mai husi Liurai feto Amélia.



Como cada grupo vivia na sua aldeia (uns na cabeça do crocodilo, outros na barriga, outros na cauda) e como nunca se encontravam, cada grupo falava a sua língua. E assim surgiram as línguas maternas.

Viviam todos muito satisfeitos e felizes na Ilha do crocodilo.

E todas a manhãs, o Sol, quando nascia primeiro do lado Lorosae da Ilha, iluminava a cara de felicidade e alegria do crocodilo a sonhar o seu Sonho!

Sonhava com o seu povo vivendo na Ilha do Crocodilo, crescendo e tornando-se sábio e culto, com uma cultura própria, independente e em paz.



Mas esta tranquilidade seria interrompida por longos anos, até mesmo séculos...

Povu ida-idak hela iha sira nia knua (balun hela iha lafaek nia ulun, balun iha nia kabun no balun iha nia ikun) tanba ne'e sira nunka hasoru malu ho povu sira husi knua seluk, ho nune'e povu sira ko'alia ho sira ida-idak nia lian, hahu husi ne'eba mak mosu lian materna oin-oin.

Povu sira moris ho haksolok no kontente iha illa lafaek.

Iha dadersan bainhira loron matan mosu, mosu uluk iha parte lorosa'e, leno illa lafaek ne'ebe mak toba ho kontente hodi mehi buat ne'ebe mak nia hakarak.



Nia mehi hetan nia povu ne'ebe mak moris iha illa lafaek, sira moris ho lafaek no sai ema ne'ebe matenek no hatene buat barak, no kultura ida, independente no hakmatek.

Maibe hakmatek ne'e hetan interrompe iha tinan ne'ebe mak naruk to'o sekulu balu...

Começam a avistar-se nos mares da Ilha uns grandes peixes-navegadores. Apareceram muito grandes, enormes, de uma cor azul, muito azul da cor do céu. Eram baleias azuis!

Baleias azuis, golfinhos e tubarões! Aproximaram-se da Ilha, vindos de muito longe, de Portugal, lá da Europa, navegaram durante meses seguidos, passaram os mares da África, chegaram às Índias e vinham para conhecer novas terras, novas gentes e fazer comércio. E chegaram às praias da Ilha.



As baleias, abrindo as suas enormes bocas, faziam sair grandes cães e enormes tigres de dentes afiados com um ar feroz e medonho. O povo, que isto via, corria assustado a esconder-se no mato e espreitava lá de longe, atrás dos montes e das árvores, aqueles animais desconhecidos, para saber o queriam.

Mais tarde, as baleias abriam de novo as suas bocarras. Lá de dentro, saíam cavalos e burros carregados de coisas. E colocavam-se na areia das praias. De seguida, macacos saindo também das baleias azuis chegavam à terra. Davam ordem para os golfinhos e tubarões abrirem as suas bocas. Das bocas, os macacos tiravam caixas e cestas que colocavam nas praias. Ali, colocavam tudo: panos de seda, peças de metal (ouro, prata e cobre) especiarias, alimentos, algodão, tabaco etc. etc. Escondido, com medo, o povo ficava curioso com aquele *mercado*. Em luta entre o medo e a enorme curiosidade, os liurais, seguidos dos mais velhos e dos homens, começavam a aproximar-se a pouco e pouco dos animais, vencidos pela curiosidade. Ganhando coragem, seguiram-nos as mulheres e as crianças.

Husi dook, iha tasi ibun mosu ikan-navegadór ida ne'ebé mak boot, bainhira ikan-navegadór ne'e hakbesik aan mai tasi ibun, povu sira hare ikan ne'ebé boot tebe-tebes ho kór azul hanesan lalehan, ikan ne'e mak baleia azul!

Baleia azul, golfiñu no tubaraun! Hakbesik-an ba illa, ikan sira ne'e mai husi kontinente ne'ebé mak dook, Portugal, kontinente Europa, sira halo viajen durante fulan barak nia laran, liu husi tasi Áfrika nian to'o iha Índia, sira mai atu deskobre rai no ema foun iha mundu atu halo komérsiu. No sira to'o iha illa lafaek.

Ikan sira ne'e hakbesik-an ba iha illa ne'e no loke sira nia ibun ne'ebé boot no sai husi ikan sira nia ibun, Asu nehan kro'at no Tigre ho liman kukun naruk. Povu sira haree ida ne'e, sente ta'uk no halai ba subar hodi haree no hafuhu, saida mak balada fuik sira ne'e halo iha tasi ibun ne'e, no saida mak sira hakarak. Iha tempu ne'ebá mós husi Ikan navegadór ne'e nia ibun, sai mós Lekirauk no Kuda merkadór sira ne'ebé mak lori sasán hanesan, hena furak balun, osan mean, espesiarias, hahán, nst. Merkadór sira rai sasán sira ne'e iha tasi ninin atu povu sira ba haree. Povu sira hakarak teb-tebes atu ba haree, maibé sira sente ta'uk ho Asu no Tigre sira, tanba ne'e xefe ho ema lubun balun de'it mak ba haree uluk saida mak balada sira ne'e lori.

No tuir mai povu sira seluk mós Hakbesik-an ba hodi haree "merkadu" ne'e. Iha luta entre ta'uk no hakarak ne'ebé boot, hafoin liurai no mane klosan lubun ida hakbesik an neneik-neneik ba animál sira ne'e, sira konsege manán ho sira nia hakarak. Hafoin feto no labarik sira mós hakbesik aan ba animál sira.



O povo gostava do que via, foi perdendo o medo e, aos poucos, pegava nas coisas para ver. Realmente, da

barriga das baleias, saíram coisas muito bonitas e diferentes. Lindos panos de algodão e seda, que lembravam as tradições do povo. Havia panos brancos com *uma lulik*, panos vermelhos com lutas de



galos, panos amarelos com *o Monte Matebian* e outros pretos com desenhos de *pombos*. Das bocas dos golfinhos e dos tubarões, saíram também coisas muito brilhantes e maravilhosas, para pôr ao pescoço e ficar *bonito*.

- Que lindas coisas para usarmos nas nossas cerimónias! – diziam todos.

Os liurais deram ordem para irem correndo a buscar o mel e a cera para trocar pelos produtos dos macacos. Mas os macacos-mercadores queriam, principalmente, o sândalo branco, uma planta cheirosa que todos desejam para vender na China, no Japão para fazer perfumes e levar, depois, para a Europa. E assim, começaram as trocas comerciais nas praias da Ilha. E o povo sempre ficava à espera dos macacos que chegavam, muitas vezes, com novos produtos, dentro das baleias azuis.

Passado algum tempo, começaram a chegar à Ilha novos animais. De dentro das baleias, saíram uns animais muito curiosos e diferentes que chamavam ainda mais a atenção de todos. De grande capa preta, capuchinho na cabeça e uma veste toda branca, com uma cruz na mão. Eram pinguins religiosos e missionários que vinham para a Ilha para transmitir a religião das baleias azuis. E também para ensinar a sua língua.



Bainhira povu sira haree sasán hirak ne'e, sira gosta no sira nia ta'uk komesa lakon, tanba ne'e sira komesa



kaer sasán sira ne'e hodi haree. Iha baleia nia kabun sai tan sasán oin-oin ne'ebé mesak furak de'it. Sasán sira ne'e mak hanesan hena sira ne'ebé mak mamar hanesan algodaun, liu husi hena sira ne'e halo povu

sira hanoin hikas fali ba sira nia tradisaun. Iha hena mutin ba "uma lulik" hena mean ba "futu manu" no hena kinur ba "foho matebian". Husi golfiñu no tubaraun nia ibun sai mós sasán sira ne'ebé nabilan no furak, sasán hirak ne'e mak hanesan, korál ne'ebé hodi hahenuk iha kakorok.

- Sasán sira ne'e mesak furak de'it, ita bele uza ba ita nia serimónia sira! Povu sira hateten.

Hahú husi ne'ebá, Baleia sira lori produktu mai no troka ho ai-kameli husi povu sira. Ai-kameli hirak ne'e Baleia sira lori ba Xina, Japaun no ba Europa hodi halo sai mina morin. Ho nune'e, komesa mosu komérsiu iha tasi illa ne'e nian. No povu sira nafatin hein lekirauk sira ne'ebé sempre mai ho produto foun husi baleia azul.

Liu tiha tempu balun, animál seluk mós komesa mai iha illa ne'e.

Husi baleia ne'e sai tan animál ida ne'ebé mak kuriozu no oin seluk animál ne'e dada atensaun povu barak nian. Ho kapa boot no kór metan, kapúz iha ulun no hatais mutin hotu, ho kruz ida iha liman. Sira mak pinguin relijioza no misionáriu ne'ebé mak mai iha illa ne'e atu hanorin relijiaun husi baleia azul sira nian. No mós atu hanorin sira nia lian.



O povo gostava do que ouvia da boca dos pinguins e, seguindo o exemplo dos seus senhores supremos, os liurais, aderiu às novas ideias religiosas e aceitou o batismo.

Começavam a aprender palavras com os pinguins. E já diziam:

«Bom dia»;

«Boa tarde»; «Obrigado!»;

«Escola» ...

Aceitaram também os nomes e apelidos

dos peixes-navegadores e

começavam a chamar aos filhos e filhas, João, António, José, Maria, Fátima, Luísa... E assumiram os apelidos Costa, Soares, Silva, Carvalho...

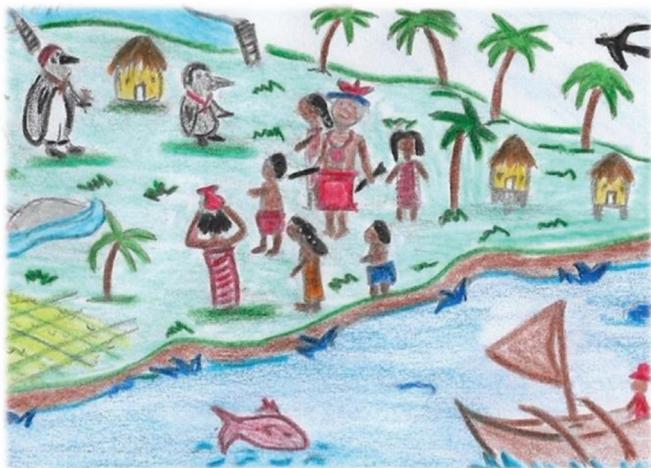
E os pinguins e o povo construíram igrejas e escolas. Faziam cerimónias de inauguração das igrejas e escolas. E faziam uma festa religiosa para celebrar o Dia da Amizade.

Para esta cerimónia, vinham os reis locais, vestidos com os seus trajes tradicionais: *tais*, *kelu*, *kaibauk*, *belak*. Até parecia que estavam a competir com o sol, tal era o brilho dos seus trajes.

Com os instrumentos musicais que criaram, tocavam e dançavam. A música era muito bonita, tocada pelos *babadok*, *dadi'ik* e cantavam o *inalou*. E dançava-se, dançava-se muito. Três passos à frente e dois passos atrás, sempre até a música acabar. Até as baleias rolavam as suas barrigas e abanavam os seus rabos enormes. Até as barbatanas vibravam ao som daquela música. A festa durava até acabar a comida: *Katupa*, *saboko* e *tukir*. E fruta, muita fruta.



Povu gosta saida mak sira rona husi pinguin sira nia ibun, no banati tuir sira nia liurai hodi hatutan ideia foun relijioza no aseita atu simu batizmu. Povu sira simu batizmu no hahú fó naran ba sira nia oan ho naran husi Baleia sira nian hanesan: "António", "Fátima", "João", "Rosário", "Paulo", "José", "Maria", "Josefina", "Laura", nst.



Naran hirak ne'e mós akompañá ho apelidu husi ikan navegadór sira nian hanesan: "Soares", "Gomes", "Silva", "Carvalho", "Costa", "Boavida", nst.

No iha eskola Pinguin sira hanorin ba povu, Baleia sira nia lian, hodi nune'e povu

hahú ko'alia "Bom dia", "Boa tarde", "Obrigadu", nst. Iha tempu ne'ebá Baleia, Lekirauk ho povu sai belun ne'e bé mak di'ak.

No iha tempu ne'ebá pinguin sira hamutuk ho povu komesa sira harii igreja no eskola sira, hafaoin harii tiha igreja ho eskola sira halo serimónia inagurasaun ba igreja, eskola no halo festa relijiozu atu selebra loron "Amizade".

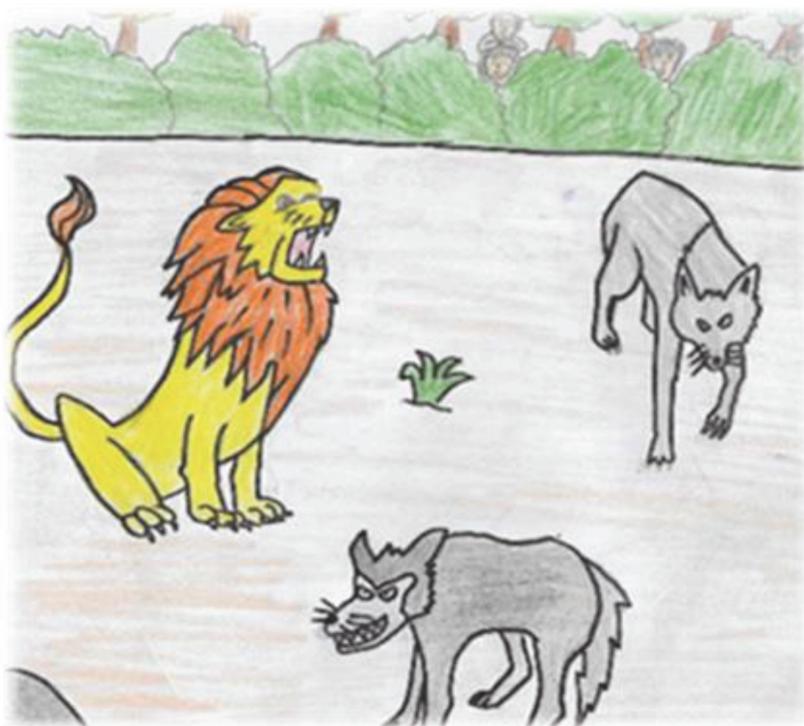
Iha serimónia ne'e, liurai lokál sira mós partisipa, liurai sira ne'e hatais sira nia hena tradisionál : tais, kelu, kaibauk no belak, no sira-nia hena ne'e nabilan hanesan loron matan.

Ho instrumentu ne'ebé sira halo, sira toka no dansa, múzika ne'e furak tebes, toka husi babadok, dadi'ik, no sira kanta knananuk Inalou no dansa, povu barak hakat dala tolu ba oin no dala rua ba kotuk, hanesan ne'e to'o múzika ne'e remata no baleia sira mós doko sira-nia kabun no sira-nia isin tomak to'o sira-nia ikun nakdedar, festa ne'e dura to'o hahán remata katupa, saboko, tukir no ai-fuan ne'e bé barak.

E a festa terminava com uma dança *tebe-tebe*, seguida do *suruboek*. Mais passos para a frente e passos para trás. Passos à direita e para esquerda. Passos por aqui e passos por ali. As pernas pulavam, os braços abanavam e cabeças rodavam até desmaiar. E assim se ia fazendo o comércio e a amizade entre o povo e os peixes-navegadores.

Mais tarde, chegaram aos mares da Ilha outras baleias. Também grandes, mas brancas.

Eram aos milhares e mais armadas do que as outras. Vieram também da Europa, lá mais para o Norte, da Holanda, mas desejavam controlar a Ilha e o comércio do sândalo.



Por isso, começavam a fazer guerra com as baleias azuis. Os povos da Ilha apoiavam uns ou outros. As lutas ainda duraram algum tempo. Para acabar com estas lutas, a Ilha foi dividida em duas partes: uma parte, Lorosae, para as baleias azuis e outra parte, Loromonu, para as baleias brancas.

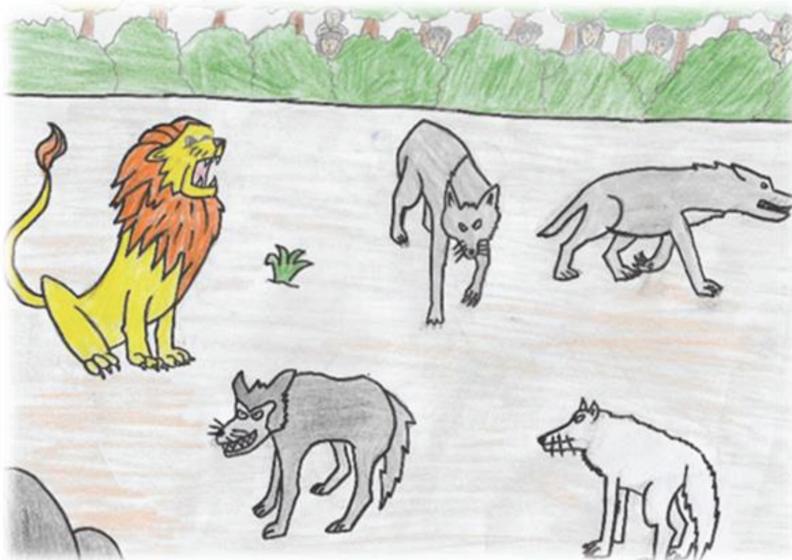
Lorosae tinha reinos e liurais.

A Ilha era governada pelos seus senhores supremos, mas o Rei Todo Poderoso das baleias azuis queria o domínio total daquela parte da Ilha e do povo. Por isso, mandou os seus Leões Governadores para Lorosae. Estes Leões governavam a Ilha em nome do Rei. Faziam as leis, mandavam no povo, criavam impostos e tiravam a sua riqueza para levar para a Europa.

Festa ne'e remata ho dansa tebe-tebe, tuir kedas ho suru boek, hakat tan ba oin no ba kotuk, hakat ba loos no ba karuk hakat ba iha ne'e no ba iha ne'ebá, ain kabun sira haksoit, liman sira nakdoko no ulun hadulas to'o dezmaia. Ho nune'e povu sira halo komérsiu no amizade ho ikan-navegadór sira.

Maibé loron ida, mosu iha illa ne'e Baleia mutin sira ne'ebé hakarak mós atu foti ai-kameli.

Entaun mosu funu ida entre Baleia azul ho Baleia mutin. Povu husi aldeia sira ne'e balun apoiu Baleia azul no seluk apoiu Baleia mutin. Funu ne'e dura iha tempu balun nia laran. No ikus liu sira decide hodi fahe illa ne'e ba parte rua. Parte ida naran "Lorosa'e" hela ho Baleia azul, no parte seluk "Loromonu" hela ba Baleia mutin.



Lorosa'e iha sira nia reinu no liurai mak illa ne'e.

Illa ne'e ukun husi sira nia liurai maibé liurai husi baleia azul nian hakarak ukun illa ne'e no domina povu tomak.

Ho ida ne'e, Liurai husi Baleia azul decide hodi

haruka nia leaun atu ukun no manda povu sira iha illa lafaek.

Lorosa'e iha reinu no liurai sira. Illa ukun hosi señoór goneradór supremu sira, maibé liurai poderozu hosi baleia azul sira hakarak domina totál parte hosi illa povu nian. Tanba ne'e, manda ninia Leaun Governadór sira ba Lorosaa'e. Leaun sira ne'e ukun illa lori liurai nia naran. Halo lei sira no manda povu sira, halo inpostu no hasai nia rikeza atu lori ba Eropa.



Agora, se iniciavam anos e séculos de Baleismo e Leonismo, em que o *Povo* perdeu a sua Liberdade e Independência. E ficava dominado pelas baleias e leões.

Algumas vezes, o povo atacava os leões, os cães e tigres pois não queria ficar sob o domínio do leonismo, queria ser independente. Houve guerras entre o *povo* e estes leões, várias revoltas, durante muitos anos.

Batalhas como a de Cailaco. Outras lutas e revoltas foram comandadas pelo Liurai Boaventura, chefe do Reino de Manufahi... Umas vezes o povo ganhava, mas sempre os animais conseguiam terminar estas lutas por cima.

E o *povo* ficou dominado e governado pelas baleias azuis e pelos leões, por muitos anos.

E assim, o *povo* da Ilha Verde do crocodilo ia vivendo. O sonho do crocodilo transformava-se em pesadelo.

E durante muito tempo, todos os dias o Sol aparecia na Ilha do lado Lorosae para dar luz ao mundo. Mas iluminava a cara de um crocodilo triste e desiludido, pois sentia que o seu povo não era Feliz, não estava Livre nem Independente.

E sentia o seu sonho muito longe de acontecer.

Mas o crocodilo continuava a sonhar...



Hahú husi ne'ebá mak Baleizmu no Leonizmu hetan ukun iha tinan barak nia laran. No povu lakon sira nia liberdade no independénsia. No domina hosi baleia no leaun sira.

Maske nune'e povu sira tenta hodi luta hasoru Baleizmu no Leonizmu, maibé sira la konsege hetan indenpendénsia.

Dalaruma, povu sira kontra hasoru leaun, asu no tigre sira, tanba sira lakohi Leonizmu atu kaer ukun, povu sira hakarak independente. Mosu funu, entre povu no leaun sira, ho revolta barak, iha tempu barak nia laran. Luta ne'e hanesan ho funu ne'ebé akontese iha Kailaku. Luta no revolta seluk komanda husi Liurai Boaventura, Xefe husi reinu Manufahi... Dalaruma povu mak manán, maibé animál sira ne'e sempre manán uluk.

Iha tinan barak, povu hetan ukun husi baleia azul no leaun. Ho nune'e, povu sira moris iha illa matak.

Lafaek nia mehi ne'ebé di'ak, nakfilak an sai mehi aat.

Durante tempu barak, loron-loron, loro-matan mosu uluk iha parte lorosa'e atu fó naroman ba mundu. Maibé leno lafaek nia oin ne'ebé triste no laran susar, tanba senti nia povu la kontenti, la livre no independente.

No senti nia mehi sai dook tebes atu akontese.

No lafaek kontinua mehi...

No entanto, ao fim de muitos anos as coisas pareciam mudar...

Aconteceu uma revolução muito grande no país das baleias azuis, que tirou o Rei do poder. Os novos Chefes das baleias, dos leões, dos macacos e pinguins decidiram abandonar todas as terras sob o domínio do baleísmo e leonismo. Por isso, os leões que governavam o povo voltaram para a sua terra, Portugal, deixando a Ilha do lado Lorosae.

Finalmente, ao fim de séculos, o povo tornava-se Livre e Independente, outra vez.

E o *povo* veio para a rua festejar a alegria da Independência e cantava:

- Vencemos
o Baleísmo!
Vencemos o
Leonismo! Viva
Timor Lorosae!



E, quando o sol nascia, parecia iluminar o rosto feliz e alegre do crocodilo muito contente com a Liberdade e Independência do seu povo.

E o crocodilo sonhava...

Ho ida ne'e, iha tinan barak-nia rohan buat barak muda-an...

Akontese revolusaun boot ida iha baleia azul nia rain, ho nune'e liurai baleia azul nian husik nia ukun iha ne'e. Xefe foun husi baleia, leaun, lekirauk no pinguin, deside husik hela rai ne'e no ukun husi baleizmu no leonizmu. Ho ida ne'e leaun ne'ebé ukun povu ne'e fila ba sira nia rain, Portugal, no husik hela illa lorosa'e.

Ikus mai, iha sékulu
balun, povu sira
sai livre no
independenti
ba dala ida
tan.

No povu
sira ba iha
dalan festeja ba
independénsia:

- Manán ona Baleizmu!
Manán ona Leonizmu!
Viva Timor Lorosa'e.



No bainhira loro-matan sa'e, leno lafaek nia oin ne'e bé mak kontente ba liberdade no independénsia ne'ebé nia povu sira hetan.

No lafaek mehi...

A maioria sentia-se feliz, alegre e contente porque iria passar a tomar conta da sua Terra. Mas alguns ficaram infelizes pois não queriam que isso acontecesse.

O povo estava a habituar-se a esta nova realidade. Por isso, não percebeu uns escorpiões que chegavam às aldeias e invadiam as suas casas. Só depois de várias mortes, repararam nos escorpiões. Começaram então a lutar contra eles, usavam facas e flechas. Um menino também estava na luta, mas sempre que apontava para baixo e largava o elástico a flecha ia para cima. Ao fim de três flechas perdidas, lançou a quarta e ouviu um barulho muito parecido com o rugido de um leão, mas muito, muito mais alto. Logo



depois do rugido, o menino sentiu um calor na cabeça, olhou para cima e gritou assustado:

- Ajudem! Ajudem! Os dragões vêm-nos atacar, matar e comer!

Só quem estava mais perto ouviu e tentou ajudar, mas o dragão era muito assustador e não estava sozinho. O céu começou a ficar escuro e cheio de fumo provocado por mais dragões que se aproximavam da Ilha e queimavam tudo. O povo escondia-se nas casas assustado a observar os dragões, que apareciam por todos os lados em todas as aldeias. Chegavam e farejavam tudo, como se estivessem a procurar algo. Não eram os escorpiões, pois estes pareciam ser os melhores amigos dos dragões. Na verdade, estes animais vieram do lado Loromono da Ilha atacar o lado nascente da Ilha, porque não queriam que o povo de Lorosae ficasse livre e independente.

Loos katak, animál sira ne'e mai hosi sorin loromonu iha illa atu ataka hosi sorin hosi illa lorosa'e, tanba la hakarak povu sira hosi lorosa'e atu livre no independente.

Maioria hosi povu sente feliz no kontente tanba sei ba toma konta ba nia-rain, maibé balu ladún kontente tanba lakoi ida ne'e atu akontese.

Povu hatoman-an ona ho realidade foun tanba ne'e la komprende katak eskorpiaun ki'ik sira besik to'o ona iha aldeia sira no instala sira-nia-an ba ema sira-nia uma, só depoiz sira asiste tia mate barak mak foin repara katak iha eskorpiaun sira. Entaun sira komesa ona luta kontra malu, sira uza tudik no rama. Labarik mane mós luta, maibé nia sempre aponta ba kraik no dada sa'e elástiku ho rama oan ba leten. Ikus mai rama oan tolu lakon no lansa ba dala haat nia rona barullu ida lian hanesan leaun, maibé barak, barak tebes. Lalais de'it depoiz rona tiha lian ne'e labarik ne'e sente manas iha nia-ulun nia tau liman iha nia ulun hateke ba leten hakfodak no hakilar:

- Ajuda! Ajuda! Dragaun sira mai ataka han no oho ami!

Só ema ne'ebé besik mak rona no tenta atu ajuda, maibé dragaun ne'e tanba hakfodak door no mesak. Lalehan komesa nakukun no nakonu ho ahi suar hosi dragaun sira ne'ebé atu hakbesik sira-an ba illa.

Populasaun sira hotu subar-an iha uma laran no observa saida mak dragaun sira halo ne'ebé mosu hosi sorin hotu-hotu hosi aldeia sira. Sira to'o no horon hotu hanesan buka buat ruma, ne'ebé la'ós eskorpiaun sira, pois sira ne'e parese atu sai belun ba dragaun sira. Loos katak, animál sira ne'e mai hosi sorin loromonu iha illa atu ataka hosi sorin hosi illa lorosa'e , tanba lae hakarak povu sira hosi lorosa'e atu livre no independente.

Ao fim de dois dias fechadas em casa, as pessoas tinham de sair, pois estavam com fome, sem água, sem lenha e com os escorpiões a aumentarem.



Cinco homens de casas vizinhas conseguiram comunicar pelo lorico e combinaram que iriam enfrentar os dragões. Ao sinal combinado, abriram as portas e saíram em direção a

um dos dragões. Caminhavam lentamente e ao mesmo tempo. De repente, um deles acelerou, aproximou-se do dragão e disse:

- Olha, eu sou teu amigo! Os outros eu não sei, mas eu sou!

O dragão percebeu que só um deles era seu amigo e começou a lançar fogo para os outros. Um não conseguiu fazer nada e caiu morto queimado pelo fogo do dragão. Os outros dois correram para casa, chamaram as mulheres, agarraram nos filhos e fugiram para a montanha em direção ao Ramelau. O outro homem continuava a lutar com o dragão.

O povo, fechado nas suas casas, estava muito aflito e assustado com o que se passava. Todos perceberam que tinham de escolher entre três situações. Ficar amigos dos dragões e dos escorpiões, mas perder a independência de Lorosae, começando, assim, o domínio do EscorpioDragonismo. Fugir, mas não sabiam o que iriam encontrar nas montanhas. Resistir e lutar sabendo que, provavelmente, seriam mortos pelo fogo dos dragões ou pelas picadas dos escorpiões. Por isso, a população dividiu-se em três grupos. Uns que se organizaram para lutar, outros que fugiram para as montanhas e alguns que ficaram amigos dos escorpiões e dos dragões.

Iha loron rua ikus odamatan sira taka metin hotu, ema sira sente iha nesesidade atu sai, hamlaha, laiha bee, laiha ai-maran ho númeru eskorpiaun sira aumenta ba bebeik.



Ema na'in lima, hosi uma viziñu konsege komunika ho jestu no konbina ona katak sei hasoru dragaun sira. Iha sinál konbina, sira na'in lima loke odamatan no sai ba

diresaun ida ba dragaun sira. La'ó neneik iha tempu ne'ebé hanesan, maibé derepente ida husi sira la'ó lalais liu, hakbesik an ba dragaun no dehan:

Haree ha'u mak ó-nia belun! Sira seluk ha'u lahatene, maibé ha'u mak ó-nia belun!

Dragaun komprende katak ida husi sira mak nia belun no komesa soe ahi ba sira seluk. Ida, lakonsege halo buat ida no monu mate iha rai leten tanba intoksikadu ho suar, na'in rua seluk halai ba uma, sira bolu feto sira kaer sira nia oan no halai ba foho diresaun ba Ramelau, enkuantu mane sira seluk kontinua luta ho dragaun.

Restu husi povu, ne'ebé sulan hela iha uma, sira tenta hela hodi hateke saida mak akontese iha li'ur. Sira hotu komprende katak tenke hili ida hosi situasaun tolu: bele hela ho belun sira hosi dragaun no eskorpiaun sira, maibé sira lakon independénsia iha Timór no komesa eskondragonizmu; bele reziste no luta hatene katak provavelmente sei mate; ka mós bele fó atu halai maibé lahatene saida mak atu hasoru.

Entaun, populasaun sira sei fahe ba grupu tolu: ida mak organiza atu luta, seluk ne'ebé halai ba foho no balun hela ho eskorpiaun no dragaun sira.

Para todos eram tempos muito difíceis. Passavam fome e sede, viam muitos familiares e amigos morrer. Ao longo do tempo, também iam aparecendo hienas por todo o lado a acompanhar os escorpiões nas montanhas, nas florestas e nas praias. O mar e o ar eram vigiados pelos dragões.

Esta situação durou tempo demais, morreram milhares e milhares. A ilha do crocodilo estava triste e cansada de viver sem paz.

Um dia, um menino estava no seu esconderijo preferido numa montanha onde havia um buraco direto para o céu, ele adorava ficar a olhar para o céu. Nesse dia, reparou que, quando não havia dragões, passava um papagaio e cada vez voava mais perto. Então, o menino começou a subir até ao cimo da montanha para se aproximar do papagaio, esperou quatro dias, até que o papagaio passou e, sem parar, perguntou:

- O que se passa aqui? – e seguiu caminho. Passados 15 minutos voltou a passar e a perguntar, muito baixinho – Precisam de ajuda? – e continuou sem ouvir a resposta, desapareceu seguido por dois dragões.

O menino desceu a montanha desanimado porque não conseguiu responder e não sabia se o papagaio estava vivo ou morto.

Mas o papagaio conseguiu chegar à sua terra e de lá informava todo o mundo do que se passava em Lorosae.

Os dias maus continuavam, até que um dia, muito cedo todos acordaram com um barulho estranho que rodeava a Ilha. Fugiram para sítios altos para verem o que estava a acontecer.

Ba hotu-hotu tempu ne'e defisil tebes, komesa hamlaha, hamrook no haree familia no belun barak mak mate. Iha tempu ne'ebé naruk mosu mós iena iha fatin hotu-hotu atu akompañã eskorpiaun sira iha foho, iha ai-laran no iha tasi sira, tasi no anin mak vijjadu husi dragaun sira.

Situasaun ida ne'e dura tempu tebes, timór oan barak mak mate, illa lafaek sente triste no kole tanba nunca moris ho dame.

Loron ida, labarik mane ida prefere subar iha foho ida ne'ebé iha rai ku'ak no bele haree direita ba lalehan, labarik mane adora atu haree ba lalehan, loron ne'e repara katak bainhira dragaun sira la liu, papagaiu ida liu no kadavez liu besik nia , entaun labarik ne'e rona no komesa sa'e to'o iha foho nia tutun atu hakbesik-an ba papagaiu ne'e, hein to'o loron haat to'o papagaiu ne'e liu hela de'it no husu:

- Saida mak akontese iha ne'e? No la'ó tuir dalan. Liu minutu 15 liu fila fali no husu neneik liu, presija atu ajuda? No kontinua la rona resposta, lakon tuir husi dragaun na'in rua labarik mane ne'e tun husi foho tutun ladún kontente tanba la konsege responde no lahatene katak papagaiu moris ka mate.

Maibé papagaiu konsege to'o iha nia rain no iha ne'ebá informa ba ema hotu iha mundu saida mak pasa iha Lorosa'e.

Loron aat sira kontinua, to'o loron ida ema hotu hadeer sedu liu tanba barullu estrañu ne'ebé hale'u iha illa no halai ba fatin aas sira atu haree saida mak akontese.

Quando viram, nem queriam acreditar! Ondas muito grandes feitas pelas caudas de baleias, tubarões e golfinhos aproximavam-se da ilha trazendo andorinhas a surfar. Todos estavam assustados. Até os dragões, os escorpiões e as hienas estavam paralisados! O que foi muito bom para as andorinhas. Começaram a voar sobre a ilha e a largar umas bolinhas que caíam na terra. Ninguém percebeu o que estava a chover. Só ao fim de quatro dias se via crescer umas lindas plantas com flores azuis, de um cheiro muito forte que atraía os escorpiões e as hienas.

Quando os escorpiões chegavam perto das plantas eram enrolados pelos caules que os apertavam com tanta força que os partiam ao meio. As hienas, coitadas, assim que comiam uma folha das plantas azuis, morriam envenenadas.

Os dragões andavam ocupados com as andorinhas que os cercavam, davam picadas no rabo e nos olhos, fazendo com que eles fugissem ou se escondessem.

Com o desaparecimento dos dragões e com a morte de muitos escorpiões e hienas, o povo ganhou uma nova esperança.

Ainda por cima, as andorinhas andavam muito atarefadas a perguntar a todos o que desejavam para a ilha do crocodilo.

Para conseguirem falar com todas as pessoas, as andorinhas demoraram quatro dias, passados ao som dos corações a bater com muita força! Porque muitos queriam, em segredo, a independência.

Mas o pior estava para vir...



Bainhira sira haree nunka hakarak atu fiar, laloran boot ne'ebé hafalun an ho baleia sira-nia ikun, tubaraun no golfiñu sira hakbesik sira-aan iha illa atu lori andoriña sira mai "sulfar".

Hotu-hotu hakfodak, to'o dragaun sira, eskorpiaun sira ho iena sira paradu hotu, saida mak di'ak liu ba andoriña sira, bainhira besik sira komesa semo iha illa no haluan boliña sira ne'ebé tama iha rai.

Laiha ema ida komprende katak "udan" só liu tiha lora haat bainhira ai-horis furak sira moris ho funan azul ho iis ne'ebé forte tebes atu atraí eskorpiaun no iena sira.

Bainhira eskorpiaun sira to'o besik ai-horis bobar-an ba ai-sanak ne'ebé aperta ho forsa no silu tohar iha klaran, iena sira, kuitadu, ida ne'e mak han ai-tahan ida hosi ai-horis azul no sira mate tanba tau veneno.

Dragaun sira la'o okupadu ho andoriña sira ne'ebé hale'u sira no tutu iha nia ikun no iha matan sira, halo oinsa mak sira bele halai no subar.

Ho dragaun sira nia lakon no mate barak hosi eskorpiaun iena sira povu manán esperansa foun ida, sei iha leten, andoriña sira la'o barak husu ba ema Timór oan sira hotu saida mak sira nia hakarak ba illa lafaek.

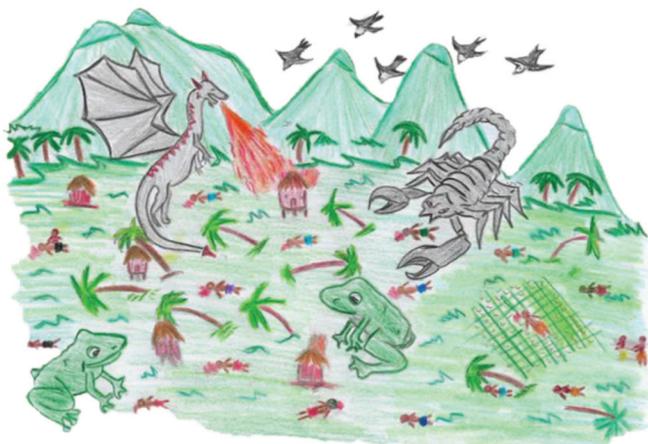
Atu konsege ko'alia ho sira hotu, andoriña sira sei demora lora haat, katak foin liu ba andoriña sira nia fuan tuku-tuku maka'as, tanba barak hakarak ba independénsia.

Maibé ida ne'ebé aat atu mai...



No dia em que as andorinhas disseram que a vontade do povo era a independência, as hienas, os escorpiões e os dragões voltaram ainda mais fortes e com mais vontade de destruir tudo.

Foi um mês de setembro horrível.

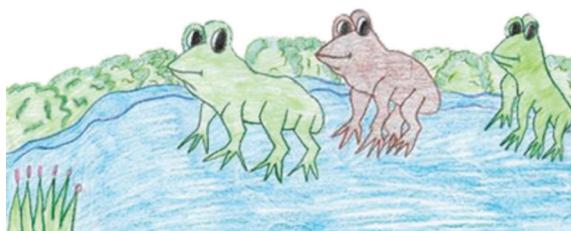


Mas um milagre aconteceu, a ilha foi coberta por 4 bilhões de sapos e rãs que coaxavam e faziam chichi ao mesmo tempo. Era um barulho ensurdecedor para os sensíveis ouvidos dos escorpiões que fugiram o

mais depressa que conseguiram. E um rio de veneno para as hienas que obrigaram os dragões a levá-las para o mais longe possível.

Ao ver desaparecer os dragões, os escorpiões e as hienas o povo ficou tão contente que organizou uma grande festa com missa, comida, bebidas, música, dança e jogos.

A música estava alta, as pessoas cantavam e dançavam muito felizes. Era tanto barulho e agitação nas costas do crocodilo que ele também começou a dançar, o que obrigou o povo a saltar ainda mais e a gritar:
VIVA TIMOR-LESTE! VIVA!
VENCEMOS O IMPERIALISMO!
VIVA TIMOR-LESTE!



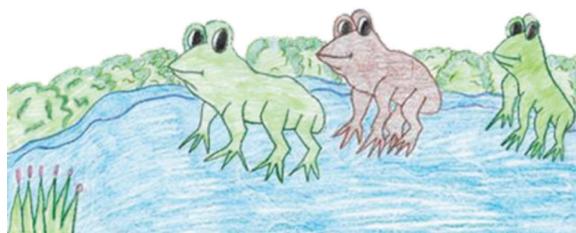
Então, quando todos os dias o sol aparecia para dar luz ao mundo, e brilhava primeiro em Lorosae, mostrava a cara alegre e feliz de um crocodilo satisfeito e realizado porque o seu Povo era, finalmente e ao fim de tantos anos, Feliz, Livre e Independente.

Iha loron ne'ebé andoriña sira dehan katak vontade povu nian mak independénsia, iena, eskorpiaun no dragaun sira sei fila fali mai ho forsa ho vontade atu estraga buat hotu.



Setembru fulan ida ne'eb'e aat liu.

Maibé milagre ida mosu. Illa ne'e hale'u hosi manduku sira millaun



haat no hakilar no mii iha tempu hanesan. Barullu ida, ne'ebé sensível no lahalo kazu husi eskorpiaun sira nia tilun ne'ebé konsege halai ho lalais iha mota ida ne'ebé iha veneno ba iena no obriga dragaun sira atu lori sai ba dook.

Haree ba dragaun sira lakon ona, eskorpiaun, hiena no povu sira kontente tebes sira organiza festa no misa boot ida, hahán, hemun, múzika, dansa no jogu sira.



Múzika lian boot, ema sira kanta, dansa no kontente tebes, barullu tebes no sira doko iha lafaek nia kotuk ne'ebé nia mós komesa ona dansa no obriga povu sira atu haksoit no hakilar liu tan:

VIVA TIMÓR-LESTE! VIVA! ITA MANÁN IMPERIALIZMU! VIVA TIMOR-LESTE!

Entaun, bainhira loron-loron loromatan sa'e atu fó naroman ba mundu no leno uluk iha lorosa'e, hatudu oin midar no kontente hosi lafaek ne'ebé simu ho haksolok no halo tiha ona, tanbá nia povu sira, hafoin iha tinan barak nia laran ikus mai hetan haksolok, livre no independente.

Era também uma coisa que o povo queria muito, muito. Para isso, lutou, travou guerras e houve milhares de mortos. Mas não desistiu e conseguiu. Era um povo livre!

A partir de agora, o povo tinha o poder de escolher os seus Reis, Liurais e Chefes. Todos passavam a ser escolhidos pelo voto do *povo*. Isso era ser Livre.

O primeiro Rei escolhido teve de tomar decisões muito importantes. Uma delas era sobre a língua do *povo*.

Naquela ilha era uma confusão de línguas. Uns usavam a língua dos pinguins, outros a dos dragões, havia quem falasse a língua da ilha e ainda outros que só conseguiam falar a da própria aldeia.

Mas qual delas deveria ser usada por todos?

O rei resolveu acabar com aquela trapalhada e informou o povo que

as línguas de Lorosae passavam a ser o Tentu e o Portu.

O rei teve as suas razões para estas escolhas. O Tentu foi escolhido porque várias pessoas, por toda ilha, sabiam usá-lo. O povo estava assim unido. O Portu foi usado pelo *povo* que lutou pela liberdade, nas montanhas, para mandar mensagens, pois os dragões não o percebiam. Além disso, era a língua dos pinguins que estiveram na ilha durante muito tempo e algumas das suas palavras eram usadas no Tentu.



Ne'e mak povu sira hakarak tebe-tebes. Ho nune'e, luta hodi hapara funu no iha mos mate. Maibe la hases-aan no konsege duni. Ne'e mak povu ida ne'ebé livre.

Komesa hosi agora, povu sira iha poder atu hili sira-nia Liurai, Liurai no xefe sira. Sira hotu-hotu hili hosi votu povu nian. Ne'e mak livre.

Liurai ne'ebé hili primeiru mak bele foti desizaun sira ne'ebé importante.

Parte ida husi sira ne'e mak kona ba lian. Iha illa ne'ebá mosu konfuzoan ka dúvida ida, balun uza lian pinguin sira nian no balun seluk uza lian dragaun nian, iha balun ne'ebé

mak konsege ko'alia lian husi illa ninian no iha mos seluk ne'ebé mak ko'alia lian husi aldeia ne'e rasik.



Maibe entre sira ne'e ida ne'ebé mak bele uza ba hotu-hotu?

Liurai decide hodi hakotu konfuzoan no informa ba populasaun hotu katak, lian sira illa ninian mak Tuntu no Portu. Liurai iha ninia razaun ba opsaun sira ne'e. Tuntu hili tanba ema barak iha illa ne'ebá hatene ko'alia. Hanesan ne'e sosiedade hela ho unidade tebes. Lian Portu uza husi povu sira ne'ebé mak luta ba liberdade, iha foho haruka mensajen ba malu atu nune'e dragaun sira labele komprende. Aleinde ida ne'e, hanesan mos lian husi pinguin sira ne'ebé iha tempu naruk nia laran, uza iha illa ida ne'e no liafuan balun uza iha Tuntu.

Assim, o *povo* daquela ilha ganhou uma identidade e também permitiu comunicar com diferentes países, espalhados por todo o mundo. A partir daquele momento, o povo soube quais eram as suas línguas.

As andorinhas, as rãs e os sapos, que mantinham a paz e a calma do povo, ficaram na ilha durante algum tempo. Quando perceberam que já não havia conflitos foram embora. Passados tempos, as coisas mudaram um pouco. Algumas pessoas do povo continuavam a não aceitar que a ilha fosse livre e provocavam conflitos. A paz e liberdade estavam em perigo. Para procurar resolver esta situação, o rei pediu a ajuda dos cangurus, dos pavões, das



ovelhas e dos pinguins. Eles vieram e a calma voltou àquele povo.

Na terra de Lorosae e do *povo* havia uma grande ribeira de água muito valiosa e rara. Os cangurus costumavam ir lá buscar a água, que levavam para fazer andar as motas, os carros, as biskotas

e as microletes. O povo não sabia que a água era sua. Quando conseguiram ser livres e independentes, passaram a dividir a água com os cangurus, pois ainda não sabiam qual era a sua parte.

O Rei e os cangurus falaram durante bastante tempo sobre o assunto. Um dia chegaram a um acordo. A partir daí, já se sabia qual era a parte de cada um. Aquela água valiosa permitia ao Rei e ao seu governo continuar a melhor as condições de vida do seu povo.

Ho nune'e povu iha illa ne'ebá manán identidade ida no mós permiti hodi komunika ho nasaun la hanesan ne'ebé namkari iha mundu tomak. Hahú husi momentu ne'ebá mak sosiedade sira hatene ida ne'ebé mak sira nia lian.

Andoriña no manduku sira mak mantein paz no hakalma ema sira ne'ebé hela iha fatin ne,e durante tempu balun. Bainhira sira hatene ona katak laiha tan konfliktu, sira fila ona. Maibé liu tempu balun, muda uitoan. Komunitade sira kuintinua la aseita katak illa ne'e livre ona no sira provoka hodi kria nafatin konfliktu. Hakmatek ho liberdade hela iha perigu nia laran. Atu rezolve situasaun ida ne'e, liurai husu ajuda husi animál sira mak hanesan: kanguru, bibi malae, manu no pinguin sira no to'o mai hodi hakalma povu hirak ne'e.

Depoizde tempu balun, luiurai sofre husi atake ida no nia tenki halo tratamentu iha rai kanguru nian, ikus mai nia fila ho kondisaun saúde di'ak.

Iha povu ninia rain lorosa'e, ezisti mota ida ne'ebé importante valioza no rara tebes. Kanguru sira sempre

ba beibeik hodi kuru bee. Komunitade la hatene katak bee ne'e sira nian. Bainhira sira konsege sai livre, hahú fahe bee ne'e ho kanguru sira, maibé ema hirak ne'e la hatene, ida ne'ebé mak sira nia parte.

Liurai ho kanguru sira ko'alia ba malu ho tempu ne'ebé natoon kona ba asuntu ne'e no loraun ida iha duni akordu ida. Hahú husi ne'e, maka sira ida-idak hatene sira ninia parte. Bee valioza permiti tebes ba populasauun hodi kuintinua hadi'a sira-nia moris.



O povo já estava livre e começava a ser feliz, mas ainda havia muito para fazer.

De outras ilhas e terras vieram pandas para ajudar a construir estradas, levar eletricidade às casas. Também chegavam os ursos para melhorar a saúde com o seu mel. As catatuas e os pinguins ajudavam na melhoria da educação do povo.

Naquela parte da Ilha de Lorosae já não havia conflitos, nem guerras. A saúde do povo tinha melhorado e a educação também. Todas as crianças podiam ir à escola para aprender e ajudar a desenvolver a sua terra e o seu povo para o futuro.

As lâmpadas também já brilhavam em quase todas as casas da Ilha Verde do Crocodilo, trazendo um pouco de sol às noites escuras. Muitas estradas levavam o povo até mais longe e mais rápido.

Muitas outras coisas boas começavam a aparecer.

E assim, o sonho do crocodilo se tornava realidade. O povo vivia Feliz, Livre e Independente.

E todos os dias, de manhã, o Sol aparece, primeiro em Lorosae, para iluminar a cara do crocodilo que, alegre e feliz, continua o seu sonho...



Povu sira moris sente livre no haksolok, maibé sei iha buat barak mak sira atu halo.

Panda sira ba ajuda konstroi estrada no lori eletrisidade ba ema sira nia uma...Ho bani-been ursu sira ajuda hodi hadi'a duni ema sira nia saúde. Kakatua no pinguin sira mós ajuda iha nivél edukasaun povu nian.

Hosi parte illa lorosa'e laiha tan ona problema no povu sira-nia saúde no edukasaun mós komesa la'o di'ak ona

Labarik hotu-hotu hetan fali ona asesu ba edukasaun hodi aprende no ajuda atu dezenvolve sira-nia rain no sira-nia futuro.

Iha illa ne'e eletrisidade hahú naroman ona kuaze iha uma hotu-hotu, estrada barak mak hadi'a ona no iha buat mós barak mak prontu ona.

Ho nune'e Lafaek nia mehi sai duni realidade no povu sira moris ho haksolok, livre no independente.

No loron-loron, iha dadeer, loro matan hahú mosu, ba dala uluk iha lorosa'e, hodi leno lafaek nia oin ne'ebé mak haksolok no kontente, **no lafaek kontinua nia mehi...**



Produção do texto coletivo

Formação da nação timorense (1º ciclo)

Turma 1º ano A
Professora Manuela Lopes
Turma 1º ano B
Professor Júlio Belo
Turma 2º ano A
Professora Domingas Eli
Turma 2º ano B
Professora Domingas Eli
Turma 3º ano A
Professora Isaura Nunes
Turma 3º ano B
Professora Judit Auxiliadora
Turma 4º ano A
Professora Teresa Gonçalves
Turma 4º ano B
Professora Zulmira Cunha

Do Colonialismo à Declaração da Independência (3º ciclo)

Turma 7º ano A
Professor Mário Meireles
Turma 7º ano B
Professora Ana Nascimento
Turma 8º ano A
Professor Mário Meireles
Turma 8º ano B
Professor Mário Meireles
Turma 9º ano A
Professor Mário Meireles
Turma 9º ano B
Professor Mário Meireles

Das invasões Indonésias e à Independência e Democracia (2º Ciclo)

Turma 5º ano A
Professora Ana Bela Pereira
Turma 5º ano B
Professora Henriqueta Marques Soares
Turma 6º ano A
Professora Mariana Magro
Turma 6º ano B
Professora Nélia Silva

Planificação, coordenação e adaptação textual

Professor Mário Meireles

Tradução do texto para Tétum

Professora Nélia Silva (Coordenação)

Professora Henriqueta Marques Soares

Professoras Judit Auxiliadora e Isaura Nunes

Professoras Estagiárias Juvência Salsinha e Deonizia Silva

Ilustrações

Sara Lay 8º ano B

Umbriel Soares 9º ano B

Carlos Henriques 8º ano A

Composição, paginação e grafismo

Professor Mário Meireles

E o sonho continua...



PROJETO CENTROS DE APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO ESCOLAR – CAFE DE MANATUTO

2019

